

ENSINO DE ADMINISTRAÇÃO

OS ALUNOS REALMENTE AVALIAM O DESEMPENHO DO PROFESSOR? UM ESTUDO SOBRE A CORRELAÇÃO DAS NOTAS DOS ALUNOS E DE SEUS ÍNDICES DE PRESENÇA EM SALA DE AULA E A NOTA ATRIBUÍDA AO PROFESSOR

AUTORES

VINÍCIUS SILVA PEREIRA

Universidade Federal de Uberlândia

viniciuss56@gmail.com

ÉLCIO EDUARDO DE PAULA SANTANA

Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão

elcio1978@yahoo.com.br

VAGNER ROSALEM

Universidade Federal de Goiás

vagner@hotmail.com

RESUMO:

A avaliação constitui-se em uma das etapas essenciais do processo de ensino-aprendizagem. Tal fato acontece em duas vias: do professor com relação ao aluno, e do aluno com relação ao professor. Acredita-se que a avaliação discente-docente não receba a mesma atenção que a avaliação no sentido contrário. Em virtude disto este trabalho objetiva identificar a existência de alguns fatores, pertinentes ao aluno, que enviesam as suas avaliações com relação aos seus respectivos professores. Para tal, utilizou-se dados secundários obtidos no Departamento de Administração da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão (DADM-UFG/CAC). Tais dados são oriundos do instrumento de avaliação discente-docente de cada um dos períodos do curso compreendidos entre o segundo semestre de 2006 e o segundo semestre de 2008, perfazendo 67 casos. Os resultados obtidos representam um alento para os professores do ensino superior, pois a inexistência de uma correlação mais acentuada entre a avaliação discente-docente e a avaliação docente-discente permite supor que, via de regra, os alunos não se pautam na nota que recebem para avaliar os seus respectivos professores.

PALAVRAS-CHAVE: avaliação; ensino; aprendizagem

STUDENTES REALLY EVALUATE THE PERFORMANCE OF THE TEACHER? A STUDY ON THE CORRELATION OF THE NOTES OF THE STUDENTS AND THEIR RATES OF ATTENDANCE IN THE CLASSROOM AND THE NOTE ASSIGNED TO PROFESSOR

The assessment represents an essential step of the process of teaching and learning. This fact happens in two ways: the professor to the student and the student to the teacher. It is believed

that the student-professor's evaluation does not receive the same attention that the assessment in the opposite direction. Wherefore this study aims to identify the existence of some factors relevant to the student, which bias their assessments with their teachers. For this purpose, it used secondary data obtained from the Departamento de Administração da Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão (DADM-CAC/UFG). These data are from the student-professor's assessment of each period of the course between the second half of 2006 and the second half of 2008, totaling 67 cases. The results represent a boost for high school professor, because the lack of a stronger correlation between the student-professor's evaluation and professor-student's assessment suggests that, generally, students are not guided in the note they receive for evaluate their professor.

OS ALUNOS REALMENTE AVALIAM O DESEMPENHO DO PROFESSOR? UM ESTUDO SOBRE A CORRELAÇÃO DAS NOTAS DOS ALUNOS E DE SEUS ÍNDICES DE PRESENÇA EM SALA DE AULA E A NOTA ATRIBUÍDA AO PROFESSOR

1 INTRODUÇÃO

A avaliação constitui-se em uma das etapas essenciais do processo de ensino-aprendizagem. Tal fato acontece em duas vias, quais sejam: (1) do professor com relação ao aluno (avaliação discente-docente) e (2) do aluno com relação ao professor (avaliação docente-discente). Essas avaliações ocorrem tanto formal quanto informalmente, desde o primeiro momento em que se estabelece o contato entre estes dois sujeitos do processo supracitado. No que se refere a avaliação formal consiste na utilização de instrumentos de mensuração do desempenho da parte avaliada, tais como testes, provas, trabalhos, seminários, participação nas atividades, questionários de opinião etc. Por sua vez, a informal se estabelece nos momentos em que são estabelecidos os contatos entre os sujeitos, prescindindo de qualquer artifício que promova um apontamento objetivo do resultado do desempenho do outro nesta interação.

Todavia, apesar de a avaliação no processo de ensino-aprendizagem ser uma etapa que parece possuir uma alta recorrência de uso, além de apresentar um consenso quanto à importância de sua utilização, acredita-se existir a necessidade da realização de reflexões acerca do processo avaliativo. Busca-se tais reflexões porque se supõe na falibilidade dos instrumentos de medição, sobre os quais conjetura-se sobre a carência de validade na mensuração dos mesmos, ou seja, eles podem não medir o que se propõe. Pressupõe-se que tais problemas de validade advenham de distintas fontes: na elaboração dos instrumentos de mensuração, na aplicação destes instrumentos e na posterior análise dos dados coletados.

Acredita-se que a avaliação discente-docente não recebe a mesma atenção que a avaliação no sentido contrário. Tal postura da academia pode enfraquecer o processo de ensino-aprendizagem, pois essa avaliação pode levar o docente a refletir sobre a sua prática, aprimorando-a a partir dos resultados fornecidos pelos alunos. Pressupõe-se que o corpo docente não dispensa a devida atenção a esse tipo de avaliação por acreditar que os alunos utilizam fatores subjetivos para a mensuração do desempenho, fato que enviesam os resultados, tornando-os inconsistentes para uma reflexão mais substancial.

Em virtude do acima exposto este trabalho objetiva identificar a existência de alguns fatores, pertinentes ao aluno, que enviesam as suas avaliações com relação aos seus respectivos professores.

Duas hipóteses foram construídas, para auxiliar na consecução desse objetivo:

H1 – identificar a correlação da “nota atribuída pelo professor ao aluno” (avaliação docente-discente) com a avaliação discente-docente;

H2 – identificar a correlação da “presença do aluno em sala de aula” (frequência) com a avaliação discente-docente.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para a consecução dos objetivos deste trabalho, utilizou-se dados secundários obtidos no Departamento de Administração da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

(DADM-CAC/UFG). Tais dados são oriundos do instrumento de avaliação discente-docente de cada um dos períodos do curso compreendidos entre o segundo semestre de 2006 e o segundo semestre de 2008, perfazendo 67 casos. Cada um desses casos corresponde a uma disciplina ministrada no curso de Administração do referido departamento. Salienta-se que tais dados correspondem a todas as disciplinas ministradas no curso desde a sua instalação (que possuíam mais de dez alunos matriculados), o que caracteriza a pesquisa como longitudinal. Convém ressaltar que os achados desta pesquisa não podem ser generalizados para outros casos que não sejam àqueles pertencentes à base de dados utilizada.

A abordagem desta pesquisa é de natureza explicativa (RICHARDSON et al., 1999), pois almeja identificar a relação entre o resultado da avaliação discente-docente com a “nota atribuída pelo professor ao aluno” e a “presença do aluno em sala de aula”.

A pesquisa empregada foi do tipo quantitativa, a qual utilizou a análise de correlação como ferramenta de apreciação estatística dos dados. A análise de correlação “[...] é utilizada para descrever a força e direção do relacionamento linear entre duas variáveis” (PALLANT, 2005, p. 121, tradução nossa). Para análise dos resultados decorrentes da aplicação da citada técnica estatística, deve-se ter em mente que o coeficiente de correlação de Pearson (r - utilizado neste trabalho) pode variar de -1 até +1. Segundo Pallant (2005, p. 121, tradução nossa)

o sinal antes do número indica se há uma correlação positiva (se uma variável aumenta, o mesmo acontece com a outra) ou uma correlação negativa (se uma variável aumenta, a outra decresce). O tamanho do valor absoluto (ignorando o sinal) provê uma indicação da força do relacionamento. Uma correlação perfeita de 1 ou -1 indica que o valor de uma variável pode ser determinado exatamente por se saber o valor da outra variável. [...] Por outro lado, um correlação de 0 indica a inexistência de relacionamento entre as variáveis

Importa ainda mencionar que a magnitude do valor do coeficiente de correlação de Pearson (r), que varia entre 0 e 1 (tanto negativo quanto positivo), pode ser avaliado de diversas formas. Cohen (1988 *apud* PALLANT, 2005) aponta que de 0,10 até 0,29, a correlação pode ser considerada pequena; entre 0,30 e 0,49, a mesma pode ser considerada média; por fim, a partir de 0,50, a correlação deve ser considerada grande.

Convém também destacar a existência do coeficiente de determinação (R^2), o qual indica a porcentagem de variância compartilhada entre as duas variáveis correlacionadas (PALLANT, 2005) – ou seja, o quanto uma variável independente explica a variação apresentada pela variável dependente. Tal valor é obtido pela multiplicação do coeficiente de correlação de Pearson (r) por ele mesmo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A avaliação discente-docente é um instrumento que permite conhecer, sob a visão dos alunos, o desempenho do professor que leva consigo diversas objeções. Como destacam Estrela e Simão (2003, p. 112, tradução nossa), em artigo que tece reflexões sobre um projeto comparativo de avaliação discente e docente em oito países europeus, observa-se resistências quanto a esse tipo de avaliação em decorrência “[...] do medo de falta de objetividade, ‘revanchismo’ e falta de conhecimentos científicos”, conjunto de características passíveis de serem observadas nos alunos.

Com relação ao revanchismo, conjectura-se que uma das principais razões para a existência desse sentimento seja o descontentamento do aluno com relação às notas que recebe do professor. Tal fato é elucidado por Loureiro et al. (2001, p. 121):

alguns autores destacam que após o término do curso pode não ser o momento mais adequado; a tensão das provas finais pode influenciar fortemente nessa avaliação do professor e da sua disciplina. O início do próximo ano letivo seria o momento ideal, ou o primeiro momento, e o final do curso de graduação, um segundo momento muito interessante, pois a visão do conjunto avalia melhor o desempenho do docente.

Desta forma, em decorrência de um possível sentimento de injustiça, caso os discentes não concordem com uma dada nota fornecida pelo professor aos mesmos, os alunos podem se vingar no momento da avaliação, vingança aqui denominada como “revanchismo”, pois a mesma pode se apresentar, na visão do discente, como um mecanismo de ameaça ao docente (JULIATTO, 1987 *apud* LOUREIRO et al., 2001).

Todavia, um estudo anterior, desenvolvido por Genevois (2001), que analisava a avaliação discente-docente impetrada pelos alunos do curso de Engenharia Civil da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), obteve uma correlação próxima a zero (0,0), ou seja, a nota que o aluno recebeu do professor não se caracterizou como um elemento vaticinador da nota que o discente ofertou ao docente. Vale ressaltar a pontualidade na assertiva com relação ao citado estudo, pois o mesmo tem claras limitações espaço-temporais, o que o exime de ser considerado um atestado de uma tendência ou outra no que concerne à relação avaliação discente-docente e a propriedade com que os alunos desenvolvem tal ação.

Convém ressaltar a existência de um trabalho desenvolvido por Murray (2005), o qual analisa a validade e a confiabilidade presente nas avaliações realizadas pelos discentes, com relação aos docentes. No concernente à validade, conduziu-se um experimento em que os alunos foram submetidos a diversos cursos, com diferentes professores, e para cada curso uma prova era aplicada – todas elas semelhantes entre si. Os resultados demonstraram um índice de correlação de 0,50, fato que revela uma tendência geral de que professores melhores avaliados pelos alunos são aqueles que ofertam as melhores notas aos discentes.

Entretanto, é interessante notar que o mesmo autor citado no parágrafo anterior aponta que, apesar de a média dos estudos decorrentes do experimento ter apontado um índice de correlação de 0,50, é premente observar que os estudos, individualmente, variaram entre -0,70 e +0,90, fato que aponta uma grande variação na citada correlação, o que indica uma dificuldade de previsão do comportamento dos alunos, e leva à conclusão da necessidade de observação do contexto para a realização de tais vaticinações.

Desta forma, ao continuar a discussão sobre validade, convém destacar os resultados do estudo efetuado por Langbein (1994), na School of Public Affairs, da American University, nos Estados Unidos da América. A autora afirma que existem evidências para corroborar a hipótese de que a avaliação discente-docente mensura tanto a popularidade do professor, quanto a qualidade de seu trabalho. No primeiro caso, observou-se que alunos que esperam notas melhores avaliam mais positivamente os professores. Já para o segundo caso, observa-se que alunos com desempenho acadêmico global mais positivo, avaliam de forma mais negativa os professores. Desta forma, pode-se afirmar que

“[...] estudantes com um melhor histórico escolar (média global alta) provê aos seus instrutores notas mais baixas, enquanto aqueles que somente esperam se dar bem em uma dada disciplina oferta uma avaliação com notas mais altas” (LANGBEIN, 1994, p. 550).

Sobre a confiabilidade dos instrumentos de mensuração da avaliação discente-docente, deve-se afirmar que não é um fator que gera preocupações, como apontam os estudos de Aubrecht (1981 *apud* LANGBEIN, 1994) e Cranton e Smith (1990 *apud* LANGBEIN, 1994).

Por fim, importa mencionar que a outra dimensão importante para compor esse referencial teórico repousa na discussão acerca da relação “nota da avaliação discente-docente” *versus* índice de presença na aula por parte dos alunos. Todavia, nada foi encontrado sobre o assunto, o que permite afirmar a contribuição seminal que o presente estudo oferta nessa área.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta parte do trabalho é apresentado o Quadro 1 que sintetiza a base de dados obtida após tabulação dos instrumentos de avaliação discente-docente de cada um dos períodos do curso compreendidos entre o segundo semestre de 2006 e o segundo semestre de 2008. É apresentado na primeira coluna o conjunto das disciplinas e de professores do Curso de Administração da UFG/CAC que ministraram aula entre 2006 e 2008, os quais foram devidamente renomeados, para manutenção de seu anonimato. A Tabela 1 traz ainda o período em que os discentes cursavam quando realizaram a avaliação, a turma que corresponde ao momento de ingresso dos discentes e o semestre em que cada disciplina foi ministrada, assim como a frequência (%) e as médias das avaliações discente-docente (que tem em 1 e 5 os seus limites máximos) e docente-docente (que varia de 0 a 10).

Tabela 1: Frequência, médias das avaliações discente-docente e docente-discente das disciplinas analisadas

Disciplina	Professor	Período	Turma	Ano- semestre	Média da avaliação docente- discente	Media da avaliação discente- docente	Frequência (%)
A	L	5º	1	2008-2	4,97	4,15	100,00
B	R	3º	1	2007-2	5,62	4,52	90,84
C	I	3º	2	2008-2	4,32	4,00	75,28
C	I	3º	1	2007-2	6,35	4,04	82,86
D	K	2º	1	2008-1	6,25	4,20	90,06
D	K	2º	2	2007-1	5,14	4,15	88,17
E	E	5º	1	2008-2	7,40	4,50	99,69
F	F	1º	3	2008-1	7,73	3,80	89,56
F	F	1º	1	2007-2	6,70	3,26	75,36
F	A	1º	2	2006-2	6,59	4,66	82,50
G	I	1º	3	2007-2	5,23	4,65	77,02
G	N	1º	2	2006-2	6,89	4,64	85,09
G	I	1º	1	2008-1	3,61	4,35	77,25
H	H	2º	3	2008-2	6,5	4,13	97,86
H	H	2º	2	2008-1	8,40	3,90	90,06
I	K	1º	2	2008-1	6,14	4,30	87,06
I	K	1º	1	2007-2	5,28	4,23	82,14
I	K	1º	3	2006-2	6,02	3,50	86,86
J	B	1º	3	2008-1	5,10	4,00	85,56

J	B	1°	1	2007-1	6,28	3,21	96,88
J	B	1°	2	2007-2	6,33	3,79	90,16
K	H	2°	1	2007-1	7,11	4,32	85,19
L	W	3°	2	2008-2	6,69	4,37	85,13
L	A	3°	1	2007-2	5,95	4,29	83,59
M	W	4°	1	2008-1	5,93	4,12	81,38
N	W	5°	1	2008-2	7,38	4,09	92,44
O	D	5°	1	2008-2	6,38	3,76	91,03
P	S	4°	1	2008-1	7,44	3,50	86,69
Q	Y	5°	1	2008-2	5,25	3,28	88,80
R	R	2°	1	2008-1	6,05	4,10	91,09
R	R	2°	3	2008-2	5,36	3,98	89,13
R	R	1°	2	2006-2	5,53	4,38	87,63
S	R	3°	1	2007-2	5,45	4,55	87,03
S	R	4°	1	2008-1	7,27	4,60	83,89
T	Y	3°	1	2008-2	5,39	3,70	85,36
T	S	3°	2	2007-2	5,79	4,31	85,42
U	I	5°	1	2008-2	4,00	3,51	80,14
V	U	1°	2	2006-2	4,44	3,46	80,81
V	G	1°	3	2007-2	5,33	4,64	79,28
V	G	1°	1	2008-1	5,95	4,70	91,89
W	R	2°	3	2008-1	5,19	4,10	90,81
W	R	2°	2	2008-2	3,33	3,77	88,50
W	R	2°	1	2007-1	6,35	4,38	92,09
X	X	4°	1	2008-1	7,39	4,40	85,39
Y	H	3°	2	2007-2	8,13	4,07	92,59
Y	O	3°	1	2008-2	5,32	3,50	92,84
Z	S	2°	1	2008-1	6,31	3,60	89,70
Z	S	2°	2	2008-2	4,18	4,51	88,50
Z	N	2°	3	2007-1	7,29	4,59	85,61
AA	W	3°	2	2008-2	6,38	4,27	87,98
AA	A	3°	1	2007-2	5,91	4,23	90,63
AB	V	1°	1	2006-2	7,13	4,59	88,13
AB	T	1°	1	2007-2	6,28	3,61	80,89
AB	Q	1°	2	2007-2	6,28	4,26	80,89
AB	C	1°	3	2008-1	8,34	4,90	92,22
AB	P	1°	2	2006-2	7,13	4,75	88,13
AC	Z	2°	3	2008-1	6,12	3,70	97,25
AC	Z	2°	2	2007-1	5,72	4,18	89,47
AC	J	2°	1	2008-2	5,41	4,58	90,63
AD	R	1°	3	2006-2	6,29	4,24	89,06
AD	I	1°	1	2008-1	3,90	4,30	79,16
AE	M	4°	1	2008-1	6,36	3,90	87,17
AF	A	2°	1	2008-1	6,68	4,30	92,06
AF	A	2°	3	2007-1	6,34	4,37	85,05
AF	T	2°	2	2008-2	5,93	4,08	90,83

Primeiramente, analisou-se a força da associação entre a variável dependente (média da avaliação discente-docente) com as variáveis independentes (média da avaliação docente-

discente e frequência), através do cálculo de correlação parcial de Pearson, como apresentado na Tabela 2.

Tabela 2: Matriz de correlação entre a variável dependente e as variáveis independentes observadas

Variável dependente	Variáveis independentes	
	Avaliação docente-discente	Frequência
Avaliação discente-docente	0,16	-0,02

Verificou-se as associações entre a avaliação discente-docente com a avaliação docente-discente e posteriormente com a frequência são 0,16 e -0,02 respectivamente. Segundo critério utilizado por Plallant (2005), a correlação entre a avaliação discente-docente com a avaliação docente-discente é pequena ($r = 0,16$) e daquela com a frequência sequer pode ser classificada ($r < 0,10$). Todavia, deve-se ressaltar que a relação entre a avaliação discente-docente com a avaliação docente-discente é positiva, indicando grandezas diretamente proporcionais. Ou seja, quanto maior for a avaliação docente-discente, maior será a avaliação discente-docente; e quando menor for a avaliação docente-discente, menor será a avaliação discente-docente. Esta proporção incita um direcionamento ao revanchismo apontado por Estrela e Simão (2003), mas que não pode ser atestado como um fator que se observará recorrentemente em virtude da pequena correlação encontrada.

No caso da frequência acontece o oposto, ou seja, a relação é negativa, o que enseja uma associação inversamente proporcional do tipo: quanto maior for a frequência do aluno menor será a avaliação docente-discente; e quanto menor for a frequência do aluno maior será a avaliação docente-discente. Porém, tais correlações também são pequenas ou sequer classificáveis, conforme critério de Pallant (2005), o que não permite dizer que a avaliação discente-docente é influenciada pela avaliação docente-discente ou pela frequência dos alunos.

Além das pequenas correlações, deve-se destacar o resultado do cálculo do cálculo do coeficiente de determinação (R^2), mostrado na Tabela 3.

Tabela 3: Coeficiente de determinação (R^2) entre a variável dependente e as variáveis independentes observadas

Variável dependente	Variáveis independentes	
	Avaliação docente-discente	Frequência
Avaliação discente-docente	0,03	0,00

Tais resultados apontam que apenas 3% da avaliação discente-docente pode ser explicada pela avaliação docente-discente. Quanto à frequência, esta não representa sequer uma mínima explicação da avaliação discente-docente.

Uma análise feita para o conjunto de dados sem qualquer tipo de segregação pode ofuscar certas associações que poderiam ser observadas após uma divisão com a utilização de critérios objetivos. Para observar melhor essa base de dados, a mesma foi particionada a partir de dois critérios: período e turma.

Por meio dessa segregação, objetivou-se avaliar se os alunos ao passarem pelos períodos do curso ou pelo fato de pertencerem às mesmas turmas seguem um mesmo comportamento ao realizarem a avaliação discente-docente.

A análise de correlação, segregada por períodos, entre avaliação discente-docente com (a) a avaliação docente-discente e com (b) a frequência dos alunos, é apresentada na Tabela 4.

Tabela 4: Matriz de correlação entre a variável independente e as variáveis independentes observadas (segregadas por período)

Variável dependente	Período	Variáveis independentes	
		Avaliação Docente-Discente	Frequência
Avaliação Discente- Docente	1	0,12	0,01
	2	0,08	-0,36
	3	0,17	-0,03
	4	0,08	-0,48
	5	0,65	0,81

Os resultados apontados na Tabela 4 mostram que o direcionamento ao revanchismo dos alunos permanece, mesmo quando a análise é feita de forma segregada, em todos os períodos. Este fato é representado pelas correlações positivas entre a avaliação discente-docente e avaliação docente-discente. Observa-se, no entanto, que esse revanchismo apresentou pequeno ou inclassificável grau de correlação entre as variáveis dependente e independente, assim como na análise efetuada com o conjunto de dados, excetuando-se o quinto período em que a correlação foi de 0,65, portanto grande, segundo critério de Pallant (2005).

Quanto à relação entre a avaliação discente-docente e a frequência, observa-se uma predominância de correlações negativas representadas pelo segundo, terceiro e quarto períodos, o que indica uma relação inversamente proporcional entre estas variáveis. No que toca à magnitude da correlação, o primeiro e terceiro períodos apresentaram resultados inclassificáveis; por sua vez, os demais apresentaram resultados reveladores: o segundo e o quarto períodos obtiveram correlações médias – com grande destaque para o último, que se aproximou bastante do limite de 0,50 – e o quinto período, uma correlação deveras forte.

Faz-se interessante notar a diferença de comportamento entre o quarto e o quinto período: ambos apresentaram correlações expressivas, todavia direcionando-se para lados opostos.

Da mesma forma foram calculados os coeficientes de determinação das interações com as análises já segregadas por período, as quais podem ser observados na Tabela 5.

Tabela 5: Coeficiente de determinação (R^2) da análise por períodos

Variável dependente	Período	Variáveis independentes	
		Avaliação Docente-Discente	Frequência
Avaliação Discente- Docente	1	0,01	0,00
	2	0,01	0,13
	3	0,03	0,00
	4	0,01	0,23
	5	0,42	0,65

No primeiro, segundo e quarto períodos, a avaliação discente-docente pode ser explicada em 1% pela avaliação docente-discente ($R^2 = 0,01$). No terceiro período esse valor é de 3%. No quinto período tem-se o maior R^2 , em que a avaliação discente-docente pode ser explicada em 42% pela a avaliação docente-discente ($R^2 = 0,42$). Já a frequência explica 13% da avaliação discente-docente do segundo período; 23% do quarto e 65% do quinto e em nada no primeiro e terceiro períodos. Portanto, as análises de correlação e de significância para o quinto período são exceções, por apresentarem coeficientes de determinação bem superiores aos dos demais períodos.

Por fim, a análise segregada por turmas apresentou as correlações expostas na Tabela 6.

Tabela 6: Matriz de correlação entre a variável independente e as variáveis independentes observadas (segregadas por turma)

Variável dependente	Turmas	Variáveis independentes	
		Avaliação Docente-Discente	Frequência
Avaliação Discente- Docente	1	0,38	-0,03
	2	-0,18	-0,18
	3	0,23	0,07

A primeira observação a ser feita é que as correlações entre as avaliações discente-docente com a avaliação docente-discente foram baixas ou médias.

A segunda observação é que o direcionamento ao revanchismo permanece na maioria dos casos (turma 1 e 3), refletido pela correlação positiva entre estas variáveis.

Por fim, ressalta-se que as correlações com a frequência são inclassificáveis nas turmas 1 e 3, e pequena na turma 2. Destaca-se ainda a manutenção da correlação negativa (turmas 1 e 2), corroborando com as análises anteriores. A exceção é a correlação positiva com a frequência, observada para a turma 3.

Também se calculou o coeficiente de determinação para os dados segregados por turmas, cujos resultados estão disponíveis na Tabela 7.

Tabela 7: Coeficiente de determinação (R^2) da análise por turmas

Variável dependente	Turmas	Variáveis independentes	
		Avaliação Docente-Discente	Frequência
Avaliação Discente- Docente	1	0,15	0,00
	2	0,03	0,03
	3	0,05	0,01

Pelos resultados apontados se infere que os resultados da avaliação discente-docente tem uma maior carga de explicação pela avaliação docente-discente na primeira turma (15%); nas demais, o poder de explicação demonstra ser baixo (3% para a turma 2 e 5% da turma 3).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram analisadas as correlações existentes entre a avaliação discente-docente com: a) a avaliação docente-discente e b) a frequência dos alunos. As correlações foram observadas através do cálculo do coeficiente de correlação sob distintas óticas:

- análise do conjunto das avaliações discente-docente sem qualquer segregação ;
- análise das avaliações discente-docente segregadas por período; e
- análise das avaliações discente-docente segregadas por turma.

Os resultados encontrados não permitiram identificar, taxativamente, a existência de fatores, pertinentes ao aluno, que enviesam as suas avaliações com relação aos seus respectivos professores, mais especificamente, a avaliação docente-discente e a frequência dos alunos às aulas – ou seja, as duas hipóteses elucidadas para esse trabalho foram, *a priori*, rejeitadas.

Entretanto, os resultados, seja para o conjunto das avaliações discente-docente sem qualquer segregação, seja para as avaliações discente-docente segregadas por período, seja por turma, apontam um padrão de comportamento. Este padrão é (a) a alta taxa de frequência de correlações positivas entre as variáveis avaliação discente-docente e avaliação docente-discente; (b) a predominância da correlação negativa entre avaliação discente-docente e frequência; (c) a baixa correlação entre as variáveis dependente e independentes; e (d) o baixo poder de explicação da variável dependente, por meio das variáveis independentes.

Excetuando-se a análise segregada do quinto período, a análise segregada da avaliação discente docente com a avaliação docente-discente da turma 1, e a correlação com a frequência das turmas 2 e 4, todas as correlações foram baixas assim como o seu coeficiente de determinação, o que não permite afirmar que exista uma relação forte entre a avaliação discente-docente com a avaliação docente-discente e com a frequência dos alunos. Todavia, esses resultados díspares demonstram a possibilidade de haver uma correlação mais forte entre as variáveis avaliação discente-docente e (1) avaliação docente-discente e (2) frequência, em determinados contextos.

Considera-se notórias tais exceções, especialmente no comportamento do quinto período e da turma 1 – no tocante à correlação com a avaliação docente-discente – e na (quase) dicotomia entre o quarto e quinto períodos, no momento da correlação com a frequência. Tais fatos provêm sobrevida às hipóteses inicialmente elucidadas, o que, em decorrência, propõe a continuação da discussão.

Ademais, tais exceções merecem uma consideração especial, pelo fato do quinto período em análise contar, primordialmente, com alunos oriundos da turma 1 – acredita-se que tal situação aponte para uma tendência desse grupo de alunos em considerar, com maior intensidade, a nota fornecida pelo professor para que eles possam avaliar o docente.

Acredita-se que essas peculiaridades adicionais motivem o aprofundamento na busca de mais conhecimento acerca do tópico tratado neste trabalho. Desta forma, pensa-se ser pertinente a citação de algumas sugestões para trabalhos futuros, as quais seguem:

- a continuidade da realização deste trabalho, agregando-se cada vez mais casos a essa proposta (tanto mais turmas quanto análises de novos períodos);
- a verificação de características biográficas, culturais e psicográficas dos integrantes de cada turma, para verificação da existência ou não de um padrão nas características dos componentes das mesmas, que possam ajudar a explicar os comportamentos distintos apresentados neste trabalho, especialmente com relação aos elementos da turma 1 e as possíveis diferenças deles para as demais turmas; e
- a observação da continuidade (ou não) da força da correlação positiva entre as variáveis avaliação discente-docente e avaliação docente-discente nas turmas que cursam o

quinto período, fato que pode indicar a existência de alguma peculiaridade no conjunto de disciplinas normalmente cursadas nesse momento do curso, o que pode enviesar o comportamento avaliativo do aluno.

Postula-se que os resultados obtidos a partir da base de dados completa deste trabalho representam um alento para os professores do ensino superior, pois a inexistência de uma correlação mais acentuada entre a avaliação discente-docente e a avaliação docente-discente permite supor que, via de regra, os alunos não se pautam na nota que recebem para avaliar os seus respectivos professores. Tal fato possibilita aos docentes a execução de seus trabalhos dentro das premissas normais, sem quaisquer desvios de ações menos “ortodoxas”, como favorecimentos aos alunos e uma cobrança mais tênue para obtenção de notas mais positivas fornecidas pelos discentes, pois parece ser dispensável o fornecimento “gratuito” de notas aos alunos, para que os mesmos o avalie apropriadamente.

Por outro lado, os resultados distintos apresentados pela turma 1 e pelo quinto período levantam novamente a preocupação sobre o mesmo tema, fato que novas pesquisas poderão ajudar a decisivamente apontar as ações que devam ser tomadas para que tanto o enviesamento da avaliação discente-docente, quanto o da avaliação docente-discente, seja evitado.

REFERÊNCIAS

ESTRELA, M. T.; SIMÃO, A. M. V. Algumas reflexões sobre práticas de avaliação do ensino universitário e dos docentes a partir da informação recolhida no Projecto Evaluate. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 1, p. 101-120, 2003.

GENEVOIS, B. B. P. Avaliação dos professores pelos alunos no curso de Engenharia Civil da UFPE. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia. 2001. Porto Alegre. Disponível em: <www.pp.ufu.br/Cobenge2001/trabalhos/APP040.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2009.

LANGBEIN, L. I. The Validity of Student Evaluations of Teaching. **PS: Political Science and Politics**, v. 27, n. 3, p. 545-553, 1994.

LOUREIRO, R. M. T.; SALIBA, N. A.; MOIMAZ, S. A. S.; ONO, R. Avaliação do desempenho do docente com a participação do corpo discente no ensino superior. **Revista da ABENO**, v. 6, n. 2, p. 119-122, 2006.

MURRAY, H. G. Student Evaluation of Teaching: Has It Made a Difference? In: ANNUAL MEETING OF THE SOCIETY FOR TEACHING AND LEARNING IN HIGHER EDUCATION. 2005, Charlottetown, Prince Edward Island, Canadá. Disponível em: <<http://www.mcmaster.ca/stlhe/documents/Student%20Evaluation%20of%20Teaching.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2009.

PALLANT, J. **SPSS: survival manual – a step by step guide to data analysis using SPSS version 12**. Open University Press: Berkshire, 2005, 318 p.